

NEIMAN, Zysman. Queremos nadar no nosso rio! O simbolismo da balneabilidade para a construção do conceito de qualidade de vida urbana. In: SENAC. (Org.). Cuidando da água como se fosse importante. São Paulo: Editora SENAC, 2005, v. , p. 261-270.

Queremos nadar no nosso rio!

O simbolismo da balneabilidade para a construção do conceito de qualidade de vida urbana

Zysman Neiman

RESUMO: Este artigo discute a relação que os seres humanos mantêm com a água, analisando seu poder imagético e mitológico ao longo da evolução biológica e histórica de nossa espécie. Usando o rio Tietê como estudo de caso, é apresentada a importância do contato lúdico com o ambiente aquático para as populações urbanas contemporâneas, defendendo a idéia de que os recursos hídricos só poderão ser preservados se for possível seu uso para atividades de lazer, única forma dos mesmos serem incorporados ao cotidiano dos cidadãos. Por fim, apresenta projetos bem-sucedidos de integração de rios ao espaço urbano e aponta soluções para o rio Tietê, em São Paulo.



Ponte Grande, próxima ao local onde hoje é a Ponte das Bandeiras -
Rio Tietê em 1917

Copyright © 2003 Agência Estado.
www.estadao.com.br/450/1910-1920/img/13.jpg



Ponte das Bandeiras - Rio Tietê em 18 de janeiro de 2004
Regata no poluído Rio Tietê comemora os 450 anos de São Paulo
Jorge Araujo/Folha Imagem
<http://noticias.bol.com.br/destaques/2004/01/18/ult95u88754.jhtm>
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/images/20040118-remo.jpg>

*“...Isto não são águas que se beba, conhecido! Estas águas
São malditas e dão morte, eu descobri! e é por isso
Que elas se afastam dos oceanos e induzem à terra dos homens,
Paspalhonas. Isto não são águas que se beba, eu descobri!...”*

*“...As águas apenas murmuram hostis, água vil mas turrone paulista
Que sobe e se espraia, levando as auroras represadas
Para o peito dos sofrimentos dos homens.
... e tudo é noite. Sob o arco admirável
Da Ponte das Bandeiras, morta, dissoluta, fraca,
Uma lágrima apenas, uma lágrima,
Eu sigo alga escusa nas águas do meu Tietê.
Mário de Andrade*

Delineando o problema

Segundo as teorias de Hardy (1960), o ser humano evoluiu no ambiente aquático e, por isso, tem um conjunto muito característico de diferenças em relação aos outros primatas. Ao contrário de chimpanzés e gorilas que tem seus pêlos retos, os nossos se espalham pelo corpo em uma organização hidrodinâmica, como se feitos para nadar. Além disso, temos uma coluna dorsal mais flexível que a dos outros primatas, o que permite grande agilidade na água (como nas lontras e focas), choramos lágrimas salgadas em abundância, como os leões marinhos e, enquanto a grande maioria dos demais primatas nada pouco ou foge da água, nós organizamos provas de natação e podemos permanecer imersos por até 70 horas sem danos à pele. Temos uma camada de gordura subcutânea, encontrada apenas em outros mamíferos aquáticos, como baleias e os golfinhos, e podemos prender a respiração por 3 minutos e meio, o que nos permite mergulhar em apnéia a uma profundidade de 80 metros. De maneira instintiva, os bebês humanos recém-nascidos nadam sem medo e os adultos relaxam quando imersos em água. Isso sem contar uma grande quantidade de outras evidências que reforçam a hipótese de que, na evolução humana, o contato com a água pode ter tido um grande papel.

Claro que não precisamos concordar com essa teoria que defende a evolução aquática humana, mas como encontrar explicações ao fato de que, a cada final de semana ou, pior, a cada feriado prolongado, centenas de milhares de paulistanos fogem da capital rumo ao litoral, às vezes enfrentando, para isso, congestionamentos quilométricos? Vale dizer que, antes de acreditarmos em alguma tendência masoquista dos habitantes desta cidade, este fenômeno se repete em diversas outras localidades do Brasil e do mundo, sempre que há uma metrópole próxima a estâncias balneárias.

O ser humano, historicamente, construiu suas civilizações ao redor dos corpos d'água. A começar pelos sumerianos, na Mesopotâmia (entre os rios Tigre e Eufrates), e pelos egípcios, no rio Nilo, chegando, mais recentemente, aos ingleses de Londres, no rio Tamisa, aos franceses de Paris, no rio Sena, aos italianos de Florença, no rio Arno, aos norte-americanos, no rio Mississipi, aos brasileiros, no rio São Francisco e aos paulistas, entre os rios Piratininga (Tamanduateí) e Anhangabaú, próximos do rio Anhembi (Tietê).

Não vamos discutir aqui os aspectos utilitários que obviamente esses rios tiveram no cotidiano dos povos que se fixaram em suas margens (transporte, irrigação, e abastecimento

de água são as vantagens mais óbvias, e que por si só justificam a busca das várzeas pelo ser humano), nem vamos defender que a proximidade com eles possa ser explicada exclusivamente através de nossos comportamentos adaptativos (evolutivos). Certamente, a relação que mantemos com os rios transcende a esses aspectos: temos uma percepção social e individual sobre as águas, o que nos remete a uma análise simbólica e cultural.

A percepção das águas é tema antigo na história da humanidade, e sua presença pode ser observada em diversos mitos de criação e divindades associados às mais diferentes culturas, como Namu/Engur (Sul da Mesopotâmia), Poseidon (Grécia), Netuno (Roma), Iemanjá (África), Sedna (esquínos), O-wata-tsumi (Japão), Boannan (Irlanda), Mama Cocha (Incas), Iara (Índios do Brasil). Nos diversos mitos de origem, a água normalmente está associada ao surgimento do ser humano, o que nos revela a enorme carga simbólica que esse elemento possui no imaginário e no inconsciente dos povos ao longo dos tempos. É das águas que emerge a semente da vida e que se dá a gênese da fartura. As projeções humanas sobre as paisagens, e as águas nela incluídas, refletem nossa necessidade de dar significado à vida, através dos ciclos naturais, da morte e renascimento entre outros. Schama (1996), afirma que *"ver um rio equivale a mergulhar numa grande corrente de mitos e lembranças, forte o bastante para nos levar ao primeiro elemento aquático de nossa existência intra-uterina"* (p. 23).

Para além dessa carga mitológica, as águas se tornam *símbolo* pelo próprio relacionamento cotidiano que as pessoas mantêm com ela. A representação social refere-se à imagem através da qual os indivíduos e o coletivo elaboram a compreensão do seu universo, através de construções do imaginário sobre a realidade.

A psicologia interpreta estes símbolos como sendo imagens que remontam ao inconsciente coletivo e constituem-se em arquétipos ou imagens primordiais que, podem tornar-se parte do consciente e se transformarem em símbolos relacionados, entre outros à fonte da vida, meio de purificação e centro de regeneração. Para a antropologia simbólica, os símbolos são oriundos de práticas sociais cujos significados decorrem da própria ação e de interações sociais (DIEGUES, 1998).

Para Fontana (1994), os rios se constituíram em símbolos de grande importância por representarem o nascimento (nascente) e a morte (foz), a origem e o fim da vida. Tales de Mileto (?625/4-558 a.C.), afirmou que a água seria a *physis*, o princípio e o

desenvolvimento de todas as coisas, entre as quais a terra, que se encontrava sobre ela. A praia como espaço de lazer é uma invenção do imaginário europeu que só se fortalece no final do século XVIII.

Para os povos que habitavam o Brasil antes da descoberta, a água (“i” em tupi) sempre foi um elemento presente na cultura. Graças ao tupi, as águas hoje estão presentes na toponímia de localidades do Estado do Rio de Janeiro e de São Paulo, nos remetendo para um tempo onde os córregos e riachos corriam livres e despoluídos pelas terras brasileiras: Icatu (água boa), Igoá (baía), Ipojuca (encharcado pela água, pântano), Icaraí (água abençoada), Barueri (águas correntes, cachoeiras). Iguatemi (água verde), Itaim (seixo), Itapecerica (pedra lisa) etc.

O Brasil simbolicamente tornou-se independente às margens plácidas do riacho do Ipiranga (água vermelha, barrenta), que matava a sede dos viajantes que subiam a Serra do Mar, e servia como boas vindas aos que se preparavam para entrar na Vila de Piratininga (MIRANDA, 2004). Essa representação está tão presente na memória do brasileiro que, através da evocação do quadro de Pedro Américo, temos a nítida sensação de que “assistimos” ao episódio.

Gilberto Freyre, no livro *Nordeste*, de 1937 (apud SOFFIATI, 2004), afirma que, no Brasil, os engenhos de açúcar, que prosperaram entre o século 16 ao final do século 19, não maculavam em demasia as águas dos rios, respeitando suas curvas e caprichos. Era possível beber de suas águas sem filtração ou fervura e “*nelas, banhavam-se nuas moças brancas e doentes pelo confinamento residencial e pelo uso de roupas inadequadas*”, e, portanto, os rios faziam parte do repertório de lazer da população. Mas, no período seguinte, os engenhos movidos a vapor passaram a despejar nas águas a calda quente e fétida resultante da produção do açúcar e do álcool, e as casas, cujas frentes sempre eram voltadas para os rios, aos poucos “*lhes viraram as nádegas*” (SOFFIATI, 2004).

Nosso rio Tietê, desde a chegada dos europeus teve suas águas usadas, inicialmente, pelos bandeirantes em busca de riquezas, e posteriormente para transporte de mercadorias, de escravos e para integração dos territórios. Seu curso inusitado (nasce à 22 quilômetros do mar, mas corre para o interior) foi se constituindo em símbolo da colonização do interior, do desbravamento das terras inóspitas, da construção de uma nação através da ampliação de suas fronteiras. A substituição do seu nome original (Anhembí) ilustra bem o

que ele representa para seu povo: Ty (rio) Ete (verdadeiro, legítimo)¹ - o único rio que nasce, corre e deságua em território paulista. Trata-se, portanto, do símbolo mais forte do espírito expansivo paulistano, orgulho dos moradores e marca forte do inconsciente coletivo da cidade. Isso devido à proximidade, à capilaridade e ao íntimo relacionamento cotidiano que a população sempre teve como rio.

Suas águas sempre foram usadas para recreação, e encontros sociais, desde a época das lavadeiras, que enquanto davam conta de suas tarefas, conversavam animadamente às suas margens sobre os acontecimentos mais importantes da vida alheia no final século XVI, até a prática de natação, passeios românticos em barcos, e banhos ao final das tardes mais quentes do início do século XX. Antes mesmo, por volta de 1840, suas águas límpidas, suas margens que abrigavam campos floridos, e suas várzeas onde as famílias se reuniam para fazer piqueniques, já eram palco para as atividades esportivas organizadas. O rio era a principal fonte de lazer da época e isso fez com que sempre fosse um elemento constituinte essencial da paisagem urbana.

A partir do final do século XIX, o Tietê foi se tornando um dos pontos mais movimentados da cidade, o que culminou na atração de diversos clubes que se instalaram em suas margens, principalmente voltados às práticas de remo, natação, provas de salto, e canoagem, além do bocha, da malha, da bisca, e do jogo de cartas que os colonizadores italianos trouxeram para o Brasil. Dentre esses clubes sociais vale destacar a fundação da Associação Atlética São Paulo (1888), do Club Esperia Società Italiana di Canottieri (1899), do Clube de Regatas Tietê (1907), e do União dos Operários Futebol Clube (1917), que proporcionaram grandes regatas e competições de natação, como a Travessia de São Paulo a nado que ocorreu de 1924 a 1944. Era no Tietê, também, que se localizava o ponto de chegada da corrida de São Silvestre.

Vale lembrar que nas suas margens surgiu o futebol de várzea e “ *muitos clubes, que disputaram ou disputam os principais campeonatos, tiveram ou têm suas sedes banhadas pelas águas do nosso Tietê, como é o caso do São Paulo F.C, do Corinthians, do Sírio, do São Bento e do A. A Palmeiras*” (NICOLINI, 2001:129).

Porém, o convívio harmonioso e a estreita união entre rio e a população não se estendeu por muitos anos. As muitas transformações que foram sendo implementadas

¹ Há outras interpretações para o nome: “caudal volumoso”, “rio dos canários”, “rio amarelo”, “o grande rio”.

fizeram com que as práticas recreativas e esportivas fossem gradativamente declinando. Em 1930 o engenheiro Francisco Prestes Maia elaborou para a cidade de São Paulo o Plano de Avenidas. Em 1938 dá-se início às obras de canalização do rio Tietê, que culminaram na construção das vias marginais e no afastamento definitivo da população do lendário Anhembi. O uso do rio para fins esportivos *“foi rareando e finalmente se encerrou no ano de 1972, quando a poluição finalmente venceu os desportistas, e a população foi afastada do Tietê, isolado como um sistema técnico”* (ADORNO, 1999:7).

As diversas alterações, que sempre foram sendo justificadas como necessárias devido ao constante aumento da população, extinguiram a relação amistosa que os paulistanos mantinham com o rio até meados do século XX. Daí por diante não mais se pôde observar pessoas passeando na beira do Tietê, o que incutiu na população um sentimento de indiferença quanto ao seu destino. O rio não estava mais na “alma” do paulistano, não se configurava mais como em símbolo para a sua vida. Há uma dessacralização de suas águas, uma quebra de vínculo, uma ruptura dos laços afetivos.

Vislumbrando as soluções

Não basta despoluir o rio! Mesmo que ele volte a correr límpido, piscoso, potável, de nada modificará a percepção que a população tem do seu “esgoto à céu aberto”. O rio precisa voltar a se incorporar na vida do paulistano e, para isso, a única alternativa é reconstituí-lo como espaço de lazer.

Desde a canalização, a metrópole vem perdendo uma grande oportunidade de utilizar as margens do Tietê como grandes áreas de lazer e arborização. Em recente caderno especial *“São Paulo dos Sonhos: doze propostas utópicas para a maior cidade do país”*², o Jornal O Estado de São Paulo convidou arquitetos e urbanistas a apresentar projetos que remetessem a utopias urbanas, e três desses projetos apresentam alternativas que podem reverter essa realidade. O que há de comum nas três propostas é a reintegração das margens do Tietê através de sua utilização como área de recreação.

O arquiteto José Eduardo de Assis Lefèvre sugere, no desenho de Vallandro Keating, a recuperação das áreas de fundo de vale com a criação de parques lineares (avenidas-parques), similares aos implantados em Curitiba, durante a administração do

² Disponível no site: <http://www.estadao.com.br/especial/spdossonhos.htm>

prefeito Jaime Lerner. Nos anos de 1970, por exemplo, o governo municipal chegou a imaginar que a avenida Roberto Marinho teria mais de 120 metros e um canteiro central que previa a construção de um parque linear, idéia posteriormente abandonada na Gestão Paulo Maluf.

Fazer os rios voltarem a participar da vida de São Paulo é a proposta de Sidonio Porto, ex-diretor do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB). Para conseguir essa aproximação seriam necessárias mais pontes e passarelas, pois, na opinião do arquiteto, é preciso haver mais movimento de pedestres, ampliando o fluxo de pessoas nas margens. Ao citar o exemplo de Bilbao que, ao revitalizar o rio Nervión, ganhou muito ao encher suas margens de atrações turísticas, como uma unidade do disputado Museu Guggenheim, defende que as metrópoles poderiam mudar radicalmente ao se voltarem para seus rios. A reurbanização do Tietê pode converter-se em fartos lucros advindos do turismo, bastando para isso que a cidade tire partido da estética do rio, através da criação de áreas verdes e centros culturais no seu entorno. Para Porto, ao contrário das “ruas de lazer”, é nas margens do Rio Tietê que o paulistano poderá voltar a ter momentos de diversão, como ocorria no passado, no tempo das regatas e dos campeonatos de várzea que tanta saudade deixou.

Para Ruy Ohtake, um dos maiores equívocos urbanísticos na metrópole foi transformar o Tietê - um símbolo - num mero canal a céu aberto. Para consertar esse erro histórico, o arquiteto propõe um projeto de reurbanização do Parque Ecológico do Tietê, local onde o rio ainda segue sinuoso e com várzeas alagáveis. A Nova Tietê, como prefere chamar a área recuperada, prevê uma alta qualidade de vida com acesso fácil ao parque à sua frente, através de um eficiente sistema de transporte.

A re-naturalização de rios, não é proposta inédita. O consultor alemão Walter Binder, do Departamento Estadual de Recursos Hídricos da Baviera, defende ser possível a recuperação dos cursos d'água que sofreram modificações profundas sem colocar em risco as zonas urbanas e vias de transporte, e, ainda, trazendo benefícios para a população. Na Alemanha, por exemplo, foi implantado um plano de re-naturalização de rios que levou em conta os planejamentos de urbanização e paisagismo, os programas de proteção do ecossistema e o plano diretor de agricultura existente, iniciando-se, assim, a criação de parques municipais nas margens recuperadas. Na Baviera, está-se dando formas naturais a

2.500 quilômetros de rios até 2020, com investimentos de quase 2,5 bilhões de euros, e em Munique será implantada a primeira praia de rio de uma grande cidade européia.

No Brasil, já existem alguns bons exemplos de cidades que recuperam margens de rios para o lazer, como centros balneários. Porto Alegre (RS) já vem a alguns anos investindo na recuperação do Rio Guaíba, despoluindo suas águas e incorporando suas margens ao cotidiano da cidade. Já existem vários atrativos implantados, dentre os quais destaca-se o Parque Estadual de Itapuã, resultado da luta de ecologistas como José Lutzenberger e Augusto Carneiro. Lá o visitante pode conhecer o Farol, no encontro do Lago Guaíba com a Laguna dos Patos, a trilha da Pedra da Visão, a trilha da Praia da Onça, a Praia da Pedreira, a Praias das Pombas, a Praia de Fora, encontrando boa infra-estrutura com banheiros, vestiários, churrasqueiras com mesas, além de um Centro de Visitantes, um laboratório, um alojamento para pesquisadores e um local para o atendimento de animais. Outras opções em Porto Alegre são os passeio de barco pelas águas do Guaíba, com saídas do Portão Central do Cais do Porto e o pôr do sol do ancoradouro da Usina do Gasômetro (hoje um centro de artes). Ver o rio voltar a fazer parte de sua vida tem dado aos gaúchos um grande sentimento de orgulho.

Em Manaus (AM) há um outro bom exemplo de utilização racional de rios. A Praia de Ponta Negra, localizada a 13 km do centro, é maior e mais bela de suas praias urbanas, com condições regulares para lazer e turismo. Urbanizada pela Prefeitura Municipal, está dotada de toda a infra-estrutura compatível com a sua finalidade de parque urbano, constituindo-se em um dos mais importantes atrativos turísticos da cidade. Possui quadras esportivas de areia, ciclovias, mirante, playground, um posto médico e um amplo calçadão com bares, restaurantes e lanchonetes. Dispõe, também, de um moderno anfiteatro, com capacidade para 15 mil pessoas, sendo palco dos mais diversos espetáculos. Há, ainda, na cidade outros balneários públicos em fase de recuperação, como Tarumã, Tarumãzinho e Cachoeira das Almas, além dos igarapés (braços de rios), localizados nas proximidades da cidade, que são fontes de lazer para a população nos finais de semana.

Localizada à beira do lago formado pela Usina de Lajeado, a urbana Praia da Graciosa, com 600 metros de extensão, é o cartão postal da Cidade de Palmas (TO). Conta com estacionamento, sistema de iluminação, marina capaz de receber até 200 embarcações, calçadão, vestiários com banheiros, bares e posto de policiamento, além de restaurantes

flutuantes, que ficam sobre as águas do lago. O uso recreativo do Rio Tocantins é tradição de Palmas e diversas outras cidades do Estado.

Para São Paulo e o Tietê, o caminho só pode ser o mesmo. O rio que se encontra poluído, deteriorado, está praticamente desvinculado da composição paisagística da cidade. É preciso, mais do que a recuperação da qualidade de suas águas, um projeto de renaturalização de sua bacia, de forma que ele volte a correr em seu leito natural. Se isso não é mais possível ao longo do trecho que corta a cidade, talvez uma solução paliativa seja o uso do Parque Ecológico do Tietê, conforme prevê seu projeto original, elaborado em 1976 por Ruy Ohtake³, que prevê o uso recreativo da água quando surgirem os primeiros efeitos do tratamento para a despoluição do Tietê. Do projeto do Parque Ecológico, que por enquanto só teve implantado os trechos de Tamboré, perto de Osasco, e de Engenheiro Goulart, na zona leste da capital, destaca-se a devida apropriação da natureza, re-introduzindo novamente o rio ao convívio urbano. Esses trechos podem, e devem, se transformar nos novos balneários da cidade, trazendo de volta a antiga imagem do curso d'água natural do Tietê, matando a saudade das competições a nado e das famílias em alegres piqueniques.

Para o trecho do canal principal, criminosamente aprisionado em paredes de concreto na mais recente das intervenções técnicas em seu leito e margem, conseguimos vislumbrar, quando as águas estiverem despoluídas, a volta das competições de remo e dos passeios de barco. Já há projetos em implantação para transformar esses passeios em atração turística, que, no futuro poderão estender-se ao interior do Estado, a jusante, onde o rio se transforma numa hidrovía comparável às melhores do mundo.

Apenas a recuperação desse símbolo nostálgico poderá reintegrar definitivamente o rio à sua cidade. A representação social que o paulistano tem do Tietê precisa retornar aos tempos em que nele era possível o banho e o lazer. Só assim, a população o entenderá como elemento constituinte de seu cotidiano, e o considerará, em seu imaginário, como “recuperado”. Enquanto o cidadão não puder voltar a nadar, pescar e praticar esportes no rio, ele continuará como o símbolo do descaso do modelo civilizatório com o meio ambiente. O conceito de qualidade de vida passa pela percepção de que somos elos

³ O projeto original pode ser conhecido através do site: <http://ecotiete.sites.uol.com.br/>

integrados à natureza, e os rios constituem-se nas imagens vitais mais remotas de nosso inconsciente.

O filósofo Ludwig Fewrback já afirmou que “*a água é o primeiro espelho do homem*”... Hoje, queremos mais do que nos ver em águas limpas: queremos nadar no nosso rio, mergulhar nesse nosso espelho.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, V. *Tietê: Uma promessa de futuro para as águas do passado*. São Paulo: Texto Art Gráfica, 1999.
- DIEGUES, A. C.. *O Domínio do Simbólico e do Imaginário na Análise do Mundo Insular*” in: *Ilhas e Mares: simbolismo e imaginário*: São Paulo: Hucitec, 1998, (p.17-40).
- FONTANA, A *Vida nos Sonhos*. São Paulo:Editora Nova Era, 1994.
- HARDY, A. C. *Was man more aquatic in the past?*, New Scientist, 7, 42-645, 1960.
- MIRANDA, E. E. *A descoberta de biodiversidade. A ecologia de índios, jesuítas e leigos no século XVI*. S. Paulo:Loyola, 2004.
- NICOLINI, H. *Tietê: o rio do esporte*. São Paulo: Phorte Ed, 2001
- SCHAMA, S. *Paisagem e Memória*. Trad. Hidelgard Feistr. São Paulo:Companhia das Letras, 1996.
- SOFFATI, A. *Turismo e águas*. Caderno virtual de Turismo, 9, Rio de Janeiro: Instituto Virtual de Turismo, 2004.